

PARA CHEGAR AO JAPÃO

Depois de lhe ter levado as malas para dentro do comboio, Peter pareceu ansioso por sair. Mas não por se ir embora. Explicou que estava apenas com receio que o comboio começasse a andar. Depois, na plataforma, ele ficou a acenar para ambas, olhando para a janela. Sorria e acenava. Para Katy, fazia um sorriso aberto, luminoso, isento de dúvidas, como se acreditasse que ela continuaria a ser para si uma maravilha, e ele para ela, eternamente. O sorriso para a sua mulher era esperançoso e confiante, parecendo conter uma espécie de determinação. Algo que não seria fácil transmitir por palavras, e que talvez não viesse a sê-lo nunca. Se Greta tivesse mencionado isto, ele teria retorquido, Não digas tolices. E ela teria concordado com ele, pensando que seria estranho que pessoas que se viam diariamente, constantemente, tivessem de dar qualquer tipo de explicações.

Quando Peter era bebé, a sua mãe levava-o através de umas montanhas cujo nome Greta estava sempre a esquecer, a fim de passar da Checoslováquia soviética para a Europa Ocidental. Não viajaram sozinhos, claro. O pai de Peter planeava acompanhá-los nessa viagem clandestina, mas foi internado num sanatório pouco antes da data marcada para a partida secreta. Devia segui-los quando pudesse, mas em vez disso morreu.

«Já li histórias como essa», disse Greta quando Peter lha contou pela primeira vez. Ela falou-lhe de como nessas histórias o bebé começava a chorar e tinha invariavelmente de ser asfixiado ou estrangulado, para que o ruído não pusesse em risco todo o grupo clandestino.

Peter disse que nunca tinha ouvido história semelhante, e que não fazia ideia do que é que a sua mãe teria feito em tais circunstâncias.

O que ela na realidade fez foi emigrar para a Colúmbia Britânica, onde aperfeiçoou o seu inglês e arranjou emprego a ensinar o que na altura se chamava Prática Comercial a estudantes do secundário. Criou o filho sozinha e mandou-o para a universidade, e agora ele era engenheiro. Quando os visitava no apartamento, e mais tarde na moradia, ela passava o tempo sentada na sala e só entrava na cozinha se Greta a convidasse. Era a sua maneira de ser. Ela levava ao extremo o acto de não reparar. Não reparava, não se intrometia, não dava palpites, embora fosse muito mais hábil do que a nora em todas e quaisquer artes ou competências domésticas.

Além disso, ela livrara-se do apartamento onde Peter havia crescido, mudando-se para um mais pequeno e sem quarto de dormir, com espaço apenas para um sofá-cama. Quer dizer que o Peter já não pode voltar para casa da mãe?, disse-lhe Greta, na brincadeira, mas ela reagiu com uma expressão alarmada. As chalaças magoavam-na. Talvez fosse um problema de linguagem. Mas o inglês era hoje a sua língua habitual, e de facto a única que Peter falava. Ele estudara Prática Comercial — mas não com a mãe — numa altura em que Greta estudava o *Paraíso Perdido*. Ela evitara como a peste tudo o que fosse prático. Peter parecia ter feito o contrário.

Separados pelo vidro, e sem que Katy permitisse um esmorecimento dos acenos, entregaram-se a cómicas, ou até demenciais, expressões de boa vontade. Greta pensou como ele era bonito, e quão pouca noção parecia ter desse facto. Trazia o cabelo curto, ao estilo da época — sobretudo para quem trabalhasse na área das engenharias — e a sua pele clara nunca corava, como a dela, nunca ficava manchada pelo sol, mas apresentava sempre um leve bronzeado uniforme, fosse qual fosse a estação do ano.

As opiniões dele eram um pouco como a sua tez. Quando iam ao cinema, ele nunca queria discutir o filme no final. Dizia que era bom, muito bom, ou assim-assim. Não via qual era o interesse em dizer mais do que isto. O mesmo acontecia, mais ou menos, quando via televisão ou lia um livro. Tinha uma postura paciente com esse tipo de coisas. As pessoas por detrás delas tinham provavelmente feito o melhor que sabiam. Greta costumava interpelá-lo perguntando brus-

camente se ele diria a mesma coisa acerca de uma ponte. As pessoas que a construíram também fizeram o seu melhor, mas o seu melhor não foi suficiente e a ponte caiu.

Em vez de tentar rebater, Peter ria-se.

Não é a mesma coisa, dizia ele.

Não?

Não.

Greta devia ter percebido que a atitude dele — não-te-rales, tolerante — era uma bênção para si, porque ela era poeta, e nos seus poemas havia coisas nada alegres ou fáceis de explicar.

(A mãe de Peter e as pessoas com quem ele trabalhava — e que estavam a par do facto — ainda diziam poetisa. Greta ensinara-o a não o fazer. Quanto às restantes, não havia necessidade de as corrigir. Os parentes que ela deixara para trás na sua vida, assim como as pessoas com quem se dava agora no seu papel de mãe e dona de casa, não precisavam de ser corrigidos, pois nada sabiam desta sua peculiaridade.)

Seria difícil explicar, mais tarde na sua vida, o que é que nesse tempo se considerava certo ou errado. Poder-se-ia dizer, bom, o feminismo estava errado. Mas aí teríamos de explicar que feminismo não era sequer uma palavra que as pessoas usassem. Depois ficaríamos atapalhadas ao explicar que ter qualquer ideia autêntica, já para não falar de ambições, ou mesmo ler um livro sério, podia ser visto como suspeito, algo indissociável do facto de o nosso filho ter contraído pneumonia, e que um comentário sobre política numa festa do escritório podia custar ao nosso marido uma promoção. E era indiferente qual o partido político visado. Mulher que o fizesse, era porque gostava de falar à toa.

As pessoas rir-se-iam e diriam, Oh, de certeza que está a brincar, e nós teríamos de dizer, Bom, mais ou menos. Depois Greta diria que pelo menos era mais seguro escrever poemas sendo mulher do que sendo homem. Que era nesses momentos que a palavra poetisa se tornava útil, como uma teia de algodão doce. Peter não pensaria do mesmo modo, dizia ela, mas há que recordar que ele tinha nascido na Europa. Ainda assim, ele saberia o que é que os seus colegas de trabalho pensariam sobre essas coisas.